

**João Batista da Silva
Leitão de Almeida
Garrett Visconde
de Almeida Garrett**



Frei Luiz de Sousa

**João Batista da Silva Leitão de Almeida
Garrett Visconde de Almeida Garrett**

Frei Luiz de Sousa



Publicado pela Editora Good Press, 2022

goodpress@okpublishing.info

EAN 4064066406080

ÍNDICE DE CONTEÚDO

[ACTO PRIMEIRO](#)

[ACTO SEGUNDO](#)

[ACTO TERCEIRO](#)

[FREI LUIZ DE SOUSA](#)

ACTO PRIMEIRO

Índice de conteúdo

Camera antiga, ornada com todo o luxo e caprichosa elegancia portugueza dos principios do seculo dezasette: porcelanas, xarões, sedas, flores, etc. No fundo duas grandes janellas rasgadas, dando para um eirado que olha sôbre o Tejo e de donde se ve toda Lisboa: entre as janellas o retratto, em corpo inteiro, de um cavalleiro môço vestido de preto com a cruz branca de noviço de S. João de Jerusalem.—Defronte e para a bôcca da scena um bufete pequeno coberto de ricco panno de velludo verde franjado de prata; sôbre o bufete alguns livros, obras de tapeçaria meias-feitas, e um vaso da China de collo alto, com flores. Algumas cadeiras antigas, tamborettes razos, contadores. Da direita do espectador, porta de comunicação para o interior da casa, outra da esquerda para o exterior.—É no fim da tarde.

SCENA I

MAGDALENA so, sentada junto á banca, os pés sôbre uma grande almofada, um livro aberto no regaço, e as mãos cruzadas sôbre elle, como quem descahiu da leitura na meditação.

Magdalena, *repettindo machinalmente e de vagar o que acaba de ler.*

«N'aquelle ingano d'alma ledo e cego
Que a fortuna não deixa durar muito...»

Com paz e alegria d'alma... um ingano, um ingano de poucos instantes que seja... deve de ser a felicidade suprema n'este mundo.—E que importa que o não deixe durar muito a fortuna? Viveu-se, póde-se morrer. Mas eu!... (*pausa*) Oh! que o não saiba elle ao menos, que não suspeite o estado em que eu vivo... este medo, estes continuos terrores que ainda me não deixaram gozar um so momento de toda a immensa felicidade que me dava o seu amor.—Oh que amor, que felicidade... que desgraça a minha! (*Torna a descahir em profunda meditação: silencio breve.*)

SCENA II

MAGDALENA, TELMO-PAES

Telmo, *chegando aopé de Magdalena que o não sentiu entrar.* A minha senhora está a ler?...

Magdalena, *despertando.* Ah! sois vós, Telmo... Não, ja não leio: ha pouca luz de dia ja; confundia-me a vista.—E é um bonito livro este! o teu valido, aquelle nosso livro, Telmo.

Telmo, *deitando-lhe os olhos.* Oh, oh! Livro para damas —e para cavalleiros... e para todos: um livro que serve para todos; como não ha outro, tirante o respeito devido ao da Palavra de Deus! Mas esse não tenho eu a consolação de

ler, que não sei latim como meu senhor... quero dizer, como o senhor Manuel de Sousa-Coutinho—que lá isso!... acabado escolar é elle. E assim foi seu pae antes d'elle, que muito bem o conheci: grande homem! Muitas lettras e de muito galante prática—e não somenos as outras partes de cavalleiro: uma gravidade!... Ja não ha d'aquella gente.— Mas, minha senhora, isto de a Palavra de Deus estar assim n'outra lingua, n'uma lingua que a gente... que toda a gente não entende!... confesso-vos que aquelle mercador inglez da rua-Nova, que aqui vem ás vezes, tem-me ditto suas cousas que me quadram... E Deus me perdoe! que eu creio que o homem é hereje d'esta seita nova d'Allemanha ou d'Inglaterra. Será?

Magdalena. Olhae, Telmo; eu não vos quero dar conselhos: bem sabeis que desde o tempo que... que...

Telmo. Que ja lá vai, que era outro tempo.

Magdalena. Pois sim... (*suspira*) Eu era uma criança; pouco maior era que Maria.

Telmo. Não, a senhora D. Maria ja é mais alta.

Magdalena. É verdade, tem crescido de mais, e derepente n'estes dois mezes ultimos...

Telmo. Então! Tem treze annos feitos, é quasi uma senhora, está uma senhora... (*áparte*) Uma senhora aquella... pobre menina!

Magdalena, *com as lagrymas nos olhos*. Es muito amigo d'ella, Telmo?

Telmo. Se sou! Um anjo como aquelle... uma viveza, um espirito!... e então que coração!

Magdalena. Filha da minha alma! (*pausa:—mudando de tom*) Mas olha, meu Telmo, tórno a dizer-t'o: eu não sei

como heide fazer para te dar conselhos. Conheci-te de tam criança, de quando casei a... a... a primeira vez—costumei-me a olhar para ti com tal respeito: ja então eras o que hoje es, o escudeiro valido, o familiar quasi parente, o amigo velho e provado de teus amos.

Telmo, *internecido*. Não digaes mais, senhora, não me lembreis de tudo o que eu era.

Magdalena, *quasi offendida*. Porquê? não es hoje o mesmo, ou mais ainda, se é possivel? Quitaram-te alguma coisa da confiança, do respeito—do amor e carinho a que estava costumado o aio fiel de meu senhor D. João de Portugal, que Deus tenha em glória?

Telmo, *á parte*. Terá...

Magdalena. O amigo e camarada antigo de seu pae?

Telmo. Não, minha senhora, não, por certo.

Magdalena. Então?...

Telmo. Nada. Continue, digei, minha senhora.

Magdalena. Pois está bem.—Digo que mal sei dar-vos conselhos, e não queria dar-vos ordens... Mas, meu amigo, tu tomáste—e com muito gôsto meu e de seu pae, um ascendente no espirito de Maria... tal que não ouve, não cre, não sabe senão o que lhe dizes. Quasi que es tu a sua donna, a sua aia de criação.—Parece-me... eu sei... não falles com ella d'esse modo, n'essas coisas...

Telmo. O quê? No que me disse o inglez, sôbre a sagrada Escriptura que elles lá teem em sua lingua, e que?...

Magdalena. Sim... n'isso decerto... e em tantas outras coisas tam altas, tam fóra de sua idade, e muitas do seu sexo tambem, que aquella criança está sempre a querer

saber, a perguntar.—É a minha unica filha: não tenho... nunca tivemos outra... e, além de tudo o mais, bem ves que não é uma criança... muito... muito forte.

Telmo. É... delgadinha, é. Hade inrijar. É tê-la por aqui, fóra d'aquelles ares apestados de Lisboa; e deixae, que se hade pôr outra.

Magdalena. Filha do meu coração!

Telmo. E do meu.—Pois não se lembra, minha senhora, que ao principio, era uma criança que eu não podia...—é a verdade, não a podia ver: ja sabereis porquê... mas vê-la, era ver... Deus me perdoe!... nem eu sei...—E d'ahi começou-me a crescer, a olhar para mim com aquelles olhos... a fazer-me taes meiguices, e a fazer-se-me um anjo tal de formosura e de bondade, que—vêdes-me aqui agora que lhe quero mais do que seu pae.

Magdalena, *surrindo*. Isso agora!...

Telmo. Do que vós.

Magdalena, *rindo*. Ora, meu Telmo!

Telmo. Mais, muito mais. E veremos: tenho ca uma coisa que me diz que antes de muito se hade ver quem é que quer mais á nossa menina n'esta casa.

Magdalena, *assustada*. Está bom; não entremos com os teus agouros e prophecias do costume: são sempre de aterrar... Deixemo'-nos de futuros...

Telmo. Deixemos, que não são bons.

Magdalena. E de passados tambem...

Telmo. Tambem.

Magdalena. E vamos ao que importa agora.—Maria tem uma comprehensão...

Telmo. Comprehende tudo!